UM CAMINHO DE LIBERDADE: A EXPERIÊNCIA DA DISCIPLINA SEMIOLOGIA E SEMIOTÉCNICA

A LIBERTY PATH: AN EXPERIENCE OF SEMIOLOGY AND SEMIOTECHNIQUE COURSE

UN CAMINO DE LIBERTAD: LA EXPERIENCIA DE LA DISCIPLINA SEMIOLOGÍA Y SEMIOTÉCNICA

*Ademilda Maria Gomes de Sousa Garcia*¹

*Maria de Fátima de Araújo Silveira*²

RESUMO: O trabalho relata a vivência da construção da disciplina Semiologia e Semiotécnica, integrante do novo currículo de Enfermagem. Os objetivos foram: incentivar a criatividade e a sensibilidade que o cuidar comporta no desenvolvimento de técnicas; valorizar os sentimentos e emoções no estabelecimento do relacionamento enfermeira-cliente; possibilitar uma reflexão e auto-conhecimento na vivência coletiva; e estabelecer uma interação docente-discente permeada pela parceria, compromisso e no sentir/ aprender/ fazer mútuos. A trajetória metodológica privilegiou a sensibilização como etapa necessária para o processo de formação e concomitante a este, desenvolvida a partir da arte e criatividade, e compreendeu a realização de oficinas e dinâmicas de grupos. Os resultados validam a experiência como oportunidade de desenvolver o potencial crítico, criativo e técnico rumo à consciência que conduz à liberdade na Enfermagem.

UNITERMOS: Sensibilização - Metodologia - Semiologia - Semiotécnica.

ABSTRACT: The work reports the experience of planning the course: Semiology and Semiotechneque which is part of Nursing new curriculum. The objectives were: stimulating creativity and sensitivity that care bears in techniques development; valuing feelings and emotions in the establishment of nurse and patient relationship, allowing some reflection and self-knowledge in collective experience, and establishing relationship between professors and students based upon partnership, compromise and on mutual feeling/ doing/ learning. Methodological work and art creativity privileged sensitiviness as the necessary step for formation process and together with this developed from arts and creativity and understand these workshops performance and developing a critical as well as dynamic group. The results show that it is an experience as an opportunity of developing critical potential, critical and theoretical, creative towards conscience which leads to Liberty in Nursing

KEYWORDS: Sensitiveness - Methodological work - Semiology - Semiotechneque -.

¹ Enfermeira. Mestra em Saúde Pública/UFPB.Professora Titular do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba.

² Enfermeira. Mestra em Saúde Pública/UFPB.Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba. Doutoranda da Escola de Enfermagem/USP

RESUMEN: El trabajo relata la experiencia de la construcción de la disciplina Semiología y Semiotécnica, integrante del nuevo currículo de Enfermería. Los objetivos fueron: incentivar la creatividad y la sensibilidad que el cuidar comporta en el desarrollo de técnicas; valorizar los sentimientos y emociones en el establecimiento del relacionamiento enfermera-cliente; posibilitar una reflexión y auto-conocimiento en la vivencia colectiva; y establecer una interacción docente-discente teniendo por medio la parceria, compromiso y en el sentir / aprender / hacer mútuos. La trayectoria metodológica privilegió la sensibilización como etapa necesaria para el proceso de formación y concomitante a éste, desarrollada a partir del arte y creatividad y comprendió la realización de laboratorios y dinámicas de grupos. Los resultados validan la experiencia como oportunidad de desarrollar el potencial crítico, creativo y técnico rumbo a la conciencia que lleva a la libertad en la Enfermería.

UNITÉRMINOS: Sensibilización - Metodología - Semiología y semiotécnica.

INTRODUÇÃO

A formação da(o) enfermeira(o), pautada no modelo biomédico e no tecnicismo, vêm sendo questionada nas últimas décadas. Para explicitar a influência das ciências naturais como norteadora da prática de enfermagem, Silva (1986) cita Price: "a enfermagem é uma ciência na qual os princípios fundamentais do cuidado de enfermagem dependem do conhecimento de ciências biológicas, tais como anatomia, fisiologia, microbiologia e química". Tal argumentação é reforçada por Almeida e Rocha (1986):

"tem-se aqui um saber de enfermagem todo imbricado no saber da medicina. Este saber parece ter sido recortado pela própria prática para dar conta dos novos conhecimentos (da medicina e da tecnologia) e, conseqüentemente, necessários para o desempenho da prática de enfermagem. Assim sendo, o saber de enfermagem desde o início do século até a década de 50, tem sido o de uma enfermagem que busca, em outras áreas do saber, conhecimentos para organizar a sua prática, prevalecendo os da área biológica".

Um outro pilar de sustentação da formação de enfermeiras tem sido o enfoque na disciplina, submissão, obediência e pouco senso crítico sobre a realidade, como traços de personalidade e requisito indispensáveis. Para Waldow (1995), é a partir da década de 80 que tem havido várias referências, nas publicações de enfermagem, às enfermeiras enquanto profissionais submissas, obedientes e dóceis. A esse respeito, o estudo de Loyola (1987) demonstra de forma exemplar como se dá esse processo que ela denominou de "laboratório de docilidade". Meyer (1995) e Nascimento (1996) apontam que, além das relações de poder e de classe que têm permeado a trajetória histórica da profissão, uma outra questão se mantém nesse cenário como coadjuvante, que é a relação de gênero: "impossível descolar as questões que envolvem

essa profissão, da própria história das mulheres (...) enfermeiras como passivas, subservientes e abnegadas, que obedecem ordens, submissas". Ainda, percebe-se, quando se faz uma análise da profissão, dicotomias que se manifestam em vários matizes: teoria/prática, docente/assistencial, saber/fazer, trabalho manual/trabalho intelectual.

Várias rotas têm sido apontadas como caminhos possíveis de superação dos problemas da profissão e que passam, necessariamente, pelo processo de formação. *Waldow* (1995) cita como exemplo o movimento denominado de "revolução curricular" nos EUA, em que os modelos e enfoques na área de educação em enfermagem incluem principalmente a abordagem crítica, fenomenológica e a feminista.

Enquanto profissão eminentemente feminina, foi através do movimento feminista que, na sua luta contra a opressão de mulheres, se desenvolveram estratégias metodológicas, que a metodologia feminista adentrou na academia, principalmente pelo viés das disciplinas sobre atenção à saúde da mulher, trazendo uma perspectiva para a prática docente (*Nascimento*, 1996).

"As metodologias feministas desenvolvem-se a partir de um processo de 'fazer e aprender', criticando a tradição acadêmica que se baseia, em geral, em: objetividade e ausência de valoração. Procura-se estabelecer um vínculo entre a experiência de vida e a teoria, entre a subjetividade (emoções, percepções, sentimentos) e a objetividade (a realidade tal como ela se apresenta, o concreto)" (*Corrêa*, 1994)

Para *Bruschini* (1992), com relação aos procedimentos de pesquisa, não há um método feminista de pesquisar, entretanto: "o que distingue uma abordagem feminista é o exame crítico das relações sociais tendo em vista a existência de um recorte de gênero, que também define desigualdades sociais. Essa perspectiva poderá estar presente não só em qualquer método, mas também na análise de qualquer tema, propiciando uma visão mais completa da realidade social".

Foi a partir das experiências de *Lima* (1987) que oficinas de criatividade e sensibilidade com enfermeiras foram realizadas em vários estados brasileiros. *Viezzzer* entende oficina como uma:

"instância de reflexão e ação onde se busca explicar a realidade em forma estrutural, fazendo confluir teoria e prática. Na oficina não existem professores que só ensinam e alunos que só aprendem, mas sim um grupo que vai produzindo conhecimentos novos através do trabalho coletivo". (*Viezzzer*, 1987)

Frente ao novo currículo mínimo do curso de enfermagem e a introdução da disciplina Semiótica e Semiotécnica em Enfermagem, propusemo-nos a realizar o que denominamos de "laboratório de sensibilização", por entendermos que tal disciplina constitui o cerne do curso, momento privilegiado de intervenção para a

construção de uma teoria/prática que dê conta de preparar enfermeiros no bojo de uma nova concepção da profissão, sendo o propósito principal a humanização do cuidado e o relacionamento interpessoal a base do cuidar. Afinal, citando Souza (1996): "...surge como evidência a necessidade de imediata re/valorização do instrumental de comunicação do conhecimento da Enfermagem, que tem como primeira e mais privilegiada arena a sala de aula..."

OBJETIVOS DA DISCIPLINA

- Conhecer e executar os procedimentos básicos de Enfermagem, baseados em teoria científica, necessários ao desenvolvimento dos cuidados ao cliente, família e comunidade, relacionados aos aspectos psicológicos, físicos, sociais e espirituais, incentivando a criatividade e a sensibilidade que o cuidar comporta no desenvolvimento de técnicas;
- Valorizar a memória, os sentimentos e as emoções no relacionamento enfermeira-cliente, como componentes interligados na arte do cuidar;
- Possibilitar uma reflexão e autoconhecimento na vivência coletiva;
- Estabelecer uma interação docente-discente permeada pela parceria, compromisso e no sentir/aprender/fazer mútuos.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Utilizou-se o método descritivo qualitativo. A trajetória metodológica privilegiou a sensibilização como etapa necessária para o processo de formação e, concomitante a este, desenvolvida a partir de arte e criatividade. Foram utilizadas, enquanto técnicas, a realização de oficinas e dinâmicas de grupo, expressas através de atividades de colagem, desenho, pintura, modelagem, costura, dança, exibição de filmes, psicodrama, produção de vídeo, leitura e trabalhos em grupos com textos, confecção de diários, jogral e exercícios de relaxamento.

As dinâmicas de grupos foram utilizadas para integrar, motivar, aquecer, estimular a criatividade, comunicação e cooperação dos integrantes, e basearam-se em Fritzen (1976), Daniel (1983), Manzolli (1985), Andreola (1992), Manual de Dinâmicas de Grupos (1994) e Macruz (1995). Foram basicamente as oficinas que deram conta de atingir os objetivos propostos, cujos eixos temáticos relacionavam-se diretamente com o cuidar/cuidado, e foram subsidiadas em autores como Levy (1974), Lima (1987), Vizzer (1987), Régia et al. (1988), Kirschbaum E Nozawa (1993), Corrêa (1994), Kestemger e Rocha (1995), Macruz (1995), Waldow et al. (1995), Figueiredo et al. (1996) e Sobral (1996).

A amostra foi composta por 18 alunas(os), apenas dois homens, matriculada(o)s na Disciplina Semiologia e Semiotécnica em Enfermagem, no semestre letivo 97/1, no período de março a junho de 1997. A carga horária da referida disciplina é de vinte e quatro horas semanais, e as autoras do estudo utilizaram de segunda a quinta-feira, no horário de 8 às 11 horas, para o

desenvolvimento das atividades, ficando o restante dos horários para outras docentes ministrarem outras unidades.

Desde o primeiro contato com a turma, utilizamos as avaliações orais ao final de cada aula, as anotações em cadernos de campo e o registro em diários pessoais das(os) alunas(os) e que nos foi entregue, voluntariamente, ao final do semestre e em seguida devolvido para a apreensão das suas percepções sobre a metodologia utilizada.

Atividades Realizadas na Disciplina

Dinâmicas de Grupos

- Espiral de Chegada	- Vendendo objetos
- Pseudônimo	- Salada de frutas
- O que eu mais gosto em você	- Você sabe seguir instruções
- Processos de Trabalho	- Corrida de carros
- Caixinha de Afeto	- A notícia
- Jogo de Leitura	- O maestro
- Estátua	- Júri simulado
- Completando frases	- O cego e o acompanhante
-Atiçando a criatividade	-Troca de presentes
- História coletiva	-Arrependimentos
-Variações com balões	-Espiral de saída

Oficinas

- Lay-out do Hospital
- Representação estética do ser enfermeira(o)
- Estrada de formação
- Corpo: como você sente seu corpo enquanto estuda/
- Face oculta
- Tempo: relógio real e relógio ideal
- Cuidando do outro
- Alimentação: dando e recebendo
- Oficina de roupa de bonecas
- Entendendo o HIV
- Massagem: dando e recebendo
- O toque
- Autodescrição e descrição da mãe
- Sexualidade: qual a cor da minha sexualidade e como está o meu apetite sexual hoje
- Representando sentimentos: desenho da vivência da sondagem nasogástrica

Lanche coletivo diário

Dança-quadrilha junina com participação de discentes e docentes do 3º Período do Curso de Enfermagem

Confecção de diários pessoais

Exercícios de relaxamento

Comemoração dos aniversários dos integrantes do grupo

Filmes (ceias)

- O Pescador de Ilusões
- Um Golpe do Destino
- Perfume de Mulher
- Philadelphia

Produção de vídeo: *Assistência Espiritual a Clientes Graves e Agonizantes*

Montagem do Jogonal: *"Que danado tem esse grupo?"*

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Buscamos encontrar na leitura dos nossos cadernos de campo e nos diários da(o)s aluna(o)s, aquilo que denotava o significado da metodologia e das vivências enquanto prática que pretendia um novo caminho para o conhecimento na enfermagem.

Muitas incertezas povoaram nossos primeiros encontros com o grupo, misto de medo, expectativas e desejos, sentimentos bem expressos por Souza (1996): *"percebia-se no trabalho uma certa tensão em buscar um rumo novo sem ter a clareza suficiente de como separar-se do já denominado modelo biomédico"*. O suporte teórico que utilizamos dava conta de experiências pontuais ou o uso da metodologia para temas específicos. Entretanto, construir uma disciplina com carga horária extensa, encontros de segunda a quinta com duração de quatro horas cada, a partir de oficinas e dinâmicas de grupo, foi um desafio a que nos propusemos e que demandou planejamento e avaliação diária de nossa parte. O registro em nosso caderno de campo do período inicial registra:

"A turma nos ouvia com muita atenção e timidez. É um grupo bastante jovem. Como primeiro encontro foi positivo, mesmo entendendo a nossa preocupação frente ao desconhecido. Esperamos que nos próximos encontros aconteça o esperado, ou seja, o entendimento deste complexo que é a construção do saber através da tecnologia da sensibilização" (P1)

"A primeira aula é dureza. Conseguir passar um pouco o que pretendemos ser a disciplina é muito difícil, verbalizar como será nunca se dá como pensamos. Sem contar que a expectativa se dará

certo ou não é tremenda... a segunda aula começa mais fluida. A técnica de apresentação parece ter nos relaxado um pouco" (P2)

A primeira barreira a ser vencida foi introduzir uma nova linguagem junto às alunas e aos colegas do departamento; estes, muitas vezes, nos questionavam sobre o "novo método" de ensino. Foi comum, ao sairmos da sala de aula, as colegas perguntarem: "a brincadeira hoje foi o que?", "deve ser ótimo essas aulas de vocês, a gente só vê os alunos rindo!". Esta "curiosidade" aumentava a nossa responsabilidade.

No primeiro contato em sala de aula, ao solicitarmos como material didático cola, tesoura, lápis de cor, cartolina, massa de modelar, revistas, pudemos observar expressões de espanto, incredulidade ou descrédito por se contrapor ao modelo de rigor imposto na formação e que passa pela forma de andar, falar, vestir, pela postura rígida, dócil, disciplinada e assexuada, e que foram posteriormente corroboradas com as anotações nos diários:

"O que elas pensam que vão nos ensinar? Não somos crianças. Estamos nos preparando para sermos enfermeiras"

O desenvolvimento da disciplina vai, aos poucos, delineando uma outra visão:

"É engraçado como as pessoas erram ao julgar só pelo que ouvem ou vêem... não fui na primeira semana de aula e, conseqüentemente, perdi muitas aulas. Então saí coletando informações com as meninas sobre as aulas que eu havia perdido. Surpresa! Eu não acreditei no que ouvi, achei simplesmente absurdo que eu pudesse regressar ao tempo de tinta guache, lápis hidrocor, papel 40, lanchinho...Achei ridículo. Mas, não foi bem assim quando assisti à 1ª aula. A princípio me senti um pouco acanhada, mas depois fiquei mais relaxada e pude dissipar da minha mente a má impressão que tive da disciplina, tendo em vista que as atividades que antes achava ridículas pude aprender muito mais do que se estivesse agindo como uma pessoa 'séria'".

Um conflito se coloca para a aluna que discute com colegas de outros períodos as vivências da disciplina e que, por estarem abstraídas da experiência, não conseguem entender nem valorizar apenas por ouvir falar:

"Decidi que não vou falar primeiro como 'fazemos', mas sim o que aprendemos, o 'como' tem que ser dito após a aceitação e concordância do 'o que' ... pode até ser que não aceitem o modo, a forma como aprendemos, mas na certa concordarão que verdadeiramente APRENDEMOS".

A presença de um aparelho de som na sala tocando músicas para auxiliar na condução das dinâmicas também produziu espanto mas é avaliada pela aluna como facilitadora dos trabalhos:

"Hoje um novo método foi posto em prática que foi o da colagem. Todos tinham o seu no painel e que acompanhado pelo som da MADONNA foi bem rentável...eu expressei a enfermagem com boca, mãos e sorriso. Tudo na vida gira em torno destas três coisas".

Fator fundamental para o desenvolvimento de algumas atividades foi o relaxamento e que, para tanto, a música não só foi indispensável como marcante para a aluna:

"Foi uma aula que teve relaxamento. P2 nos colocou deitadas e com um fundo musical de fazer arrepiar. Consegui relaxar quase que completamente. Acabamos a aula num estado de calma e tão descansada, que talvez ainda fôssemos capazes de tolerar mais umas cinco aulas seguidas..."

Havíamos discutido com a turma que, muitas vezes, não seria possível ter intervalo devido ao tempo necessário para as oficinas não permitir "quebras", teríamos que criar uma alternativa para não cansar muito e sugerimos o lanche coletivo como forma também de propiciar maior integração e conhecimento do grupo. O lanche acontecia, diariamente, com elementos do grupo levando o que dispunha e do que gostava para ser partilhado com os demais:

"...já estava um pouco cansada, estava ansiosa pelo momento do lanche, pois eu sabia que teria tempo para falar com A. sobre o fora que levei"

"é gostoso demais o momento do lanche. A gente fala, come, ri, se diverte, até com o bolo mal feito de A., é um barato"

Com o desenrolar do processo, o grupo vai conseguindo estabelecer a relação entre a metodologia utilizada e o cuidado com o cliente. Foi nossa preocupação procurar criar um nexos sempre entre o "eu", o grupo e o outro (o cliente) através de vivências que possibilitaram "estar na condição de", experienciando sensações ou observando colegas do grupo em situações simuladas, como a dinâmica "o cego e o acompanhante", e as oficinas "O Toque", "Entendendo o HIV" e "Alimentação-dando e recebendo":

"Realizamos uma atividade onde ora alguém guiava alguém incapacitado de enxergar, ora era guiado pela outra pessoa. Foi muito proveitoso esse momento pois podemos refletir sobre a questão de quando se tem o poder, pensa-se sempre se sabe o que o outro quer, ou mesmo o que é melhor para ela. Depois assistimos à cena de "Perfume de Mulher" em que um deficiente visual dança um lindo tango com uma moça, para discutirmos que não devemos menosprezar a capacidade que os deficientes têm"

"Eram cinco pessoas com olhos vendados. A sala no escuro e não sabíamos se as outras meninas ainda estavam na sala ou não, o que nos deu um sentimento de solidão e medo. Foram colocados alguns produtos (óleo, farinha, lavanda) em nossas mãos, as quais estavam sobre uma bacia com água. Essa experiência foi inesquecível, não sei nem dizer como foi, só sei que mexeu comigo. É muito difícil viver

num mundo desconhecido. Fico imaginando como é para o paciente quando chega no hospital”.

Sentimentos antagônicos foram expressados pelo grupo nas vivências. Buscaglia, citado por Carraro (1997), diz: “...aprender a partir de seu conflito, crescer a partir da experiência e começar de novo, com conhecimentos, possibilidades e alternativas novas”.

“Oficina de AIDS. Relaxamos prá começar... o jogo começou com P1 e P3 explicando. A... foi o escolhido por P1 para ser contaminado e depois contaminou P2. A.. , A... e A.... Os quatro falaram como estavam se sentindo na hora. Parecia tão real, que não me contive, chorei”

“A sensação de ser alimentada por outra pessoa é horrorosa, sem poder dizer a quantidade, o que quero, se é devagar ou rápido, com suco ou sem. É muito ruim, mas adorei ter passado por essa experiência para quando me deparar algum dia com um paciente que dependa de mim para se alimentar, saberei como agir”.

Ao propor uma metodologia de assistência, Carraro (1997) comenta que “a arte é expressa principalmente através da sensibilidade, da criatividade e da habilidade, como instrumento para a assistência de enfermagem...a criatividade/imaginação se complementam e conduzem a pensar, criar, inventar, figurar em espírito, com bases na sensibilidade”. Para a realização da oficina “Costurando roupas de bonecas”, solicitamos na véspera da aula que todos deveriam trazer uma boneca ou bichinho de estimação para a sala. Foi um dos momentos que mais expectativas trouxe, além de constrangimento para os homens:

“Só pedi a boneca na hora de sair, para evitar perguntas que eu não tenho como responder. Vim o tempo todo no ônibus tenso, pensando se algumas das minhas amigas abrissem minha mochila e vissem a boneca. Mas na oficina me sai muito bem com as roupas, a boneca ficou bonita, de chapéu, cinto, pulseira e um vestido colado. Foi bom exercitar a criatividade assim”

“Gerou expectativas o fato de até os meninos precisarem levar as bonecas. Foi muito interessante como nos sobressaimos, como desprendemos força de vontade, atenção e determinação”

Gotardo (1996), em suas considerações sobre a arte e o cuidar da enfermagem, destaca: “creio que a enfermagem não é meramente uma técnica, mas um processo que incorpora os elementos da alma, mente e imaginação. A essência permanece na imaginação criativa, e a mente sensitiva e a inteligência se unem como alicerces necessários para executar como arte os cuidados na condição de enfermeira(o)”. As nossas vivências permitiram também à(o)s aluna(o)s expressar os sentimentos que estavam vivenciando com outra docente

com quem tinham aulas específicas sobre técnicas. Por ocasião da prática de sondagem nasogástrica, algumas alunas se propuseram a realizar a técnica e outros se dispuseram a ser "cobaias". A experiência em que colegas próximos eram submetidos a procedimentos invasivos por eles mesmos despertou sentimentos contraditórios de compaixão, medo, solidariedade, nojo, que ainda verbalizavam no dia seguinte, já na nossa aula. Solicitamos, então, que representassem através de desenho o que tinham sentido na aula prática. Muitos desenhos apresentavam corações, penas ou aves, simbolizando os sentimentos, em suas palavras:

"Ainda meio abaladas pela aula de ontem. As professoras perceberam e pediram para que nós desenhássemos o que sentimos na prática. Meu desenho representava o pânico, a angústia, o medo, o carinho e o nojo que eu senti naquele momento. Não quero nem lembrar"

"Me desenhei com um coração grande tomando quase todo meu peito, representado que eu estava de 'coração apertado', mas desenhei também meu pensamento que representava uma mão segurando uma sonda, expressando o desejo que, apesar da pena que sentia de .A., tinha de realizar o procedimento"

"Tive pena, angústia, tentei me solidarizar com A... e não sabia como. Foi terrível. Queria que acabasse logo. Quando terminou senti alívio e alegria por saber que ele estava bem e que nós (quem estava passando a sonda), havíamos conseguido"

"Meu desenho foi eu mesmo deitado na cama com todos ao meu redor, escrevi em cima como se fosse um pensamento: isso é um estupro. Desenhei também elas o tempo todo dizendo 'engula, engula'"

Num dos últimos encontros, realizamos duas atividades para discutir sexualidade, com as questões norteadoras "como está o meu desejo sexual hoje?" e "de que cor é a minha sexualidade?". No início da atividade, os comentários sobre o que seria discutido na aula suscitou expressões que denotavam a expectativa de que nós não deveríamos concluir a disciplina sem abordar tal tema, o que corrobora a afirmação de Garcia (1993) de que a sexualidade humana é um conhecimento necessário na formação do enfermeiro.

"Finalmente elas falaram sobre sexualidade. Estávamos ansiosas que esse dia chegasse por que esse assunto sempre foi um tabu na enfermagem e a gente precisa discutir mais"

"No começo ficamos meio encabuladas, com medo de dizer o que se pensa, mas depois foi rolando um clima tão bom que foi superlegal. Aproveitamos para pedir que fosse discutido na próxima aula, sexo antes do casamento"

Por ocasião de um feriado prolongado, ficamos cinco dias sem nos encontrarmos com o grupo. O comentário da aluna em seu diário nos forneceu o **feedback** da importância que a disciplina estava tendo para ela:

“Estou tão acostumada com as aulas de Semiologia, gosto tanto, que fico meio desorientada quando não tem aula”

A sala de aula constituiu, muitas vezes, um espaço de refúgio para as alunas que, por serem em sua maioria de outras cidades e estados, experimentam solidão e conflitos na convivência com colegas com as quais dividem moradia:

“Fui para a faculdade à tarde para um ensaio da quadrilha. Mas não fui tanto pelo ensaio, fui para aliviar minha mente, para conversar com alguém. Cheguei lá só tinha A... , esperei com ela para ver se chegava mais gente, só chegaram A..., A.... e A...., fomos fazer argola e bandeirinhas de papel para enfeitar a sala onde iria se realizar a quadrilha, mas enquanto isso, conversávamos uns com os outros e as pessoas que ali estavam não sabiam o bem que a mim faziam. Quando terminamos a tristeza me bateu novamente, lembrei-me que teria de voltar para aquele ambiente tão pesado em que se encontrava o apartamento”

Na avaliação final, propusemos ao grupo refazer o *lay-out* do hospital, tendo como referência não mais apenas o senso comum mas também suas experiências na disciplina e no campo de estágio:

“Na comparação que fizemos com o primeiro hospital que havíamos desenhado numa das primeiras aulas, notamos a grande diferença que ocorreu. Muita coisa mudou. Uma delas foi que no primeiro, eu estava ausente, completamente fora daquele quadro, enquanto no segundo eu estava vivenciando aquilo, tanto que me fiz presente no desenho”

Propusemos ao grupo realizarmos uma atividade de encerramento não apenas da disciplina mas do semestre letivo, envolvendo todos os professores que haviam ministrado aulas no período, a chefia do departamento e o secretário do curso. A época coincidiu com os festejos juninos na cidade e a atividade escolhida foi uma quadrilha, dança típica em que pares movimentam-se obedecendo a uma coreografia própria. Algumas alunas não puderam participar, mas conseguimos montar doze duplas, todas vestidas a caráter, com algumas meninas vestidas de homem em função da turma ser composta por maioria feminina, e para a apresentação foram convidados todos os professores do departamento, funcionários e direção do Centro ao qual o departamento está ligado. Tal atividade foi um acontecimento inédito na Escola, momento de confraternização e de clareza, como afirmado pela diretora do Centro de que era visível naquele momento *“que brincando também se aprende”*. Em seus depoimentos, as alunas expressaram alegria, surpresa, orgulho pelo reconhecimento dos demais professores e colegas;

"O espetáculo foi belíssimo. Fiquei bem emocionada. A chefe do departamento disse duas frases que jamais esquecerei: 'essa turma promete, essa turma sabe o que quer'."

"O grande dia. Todos estavam maravilhosos com as suas fantasias. A quadrilha chamou a atenção de todo o departamento"

Realizamos dois momentos de avaliação ao final da disciplina para discutirmos como se deu a relação aluno/aluno, professoras/alunos, professora/professora. Em seguida, fizemos um ritual de despedida com dinâmicas. O grupo nos solicitou, então, um espaço para que pudesse expressar também os seus sentimentos. Fomos convidadas para participar de uma dinâmica por ela(e)s desenvolvida, e que consistia em nos vender e pedir que tocássemos todos, de forma a poder identificá-los. Para nós era claro que a intenção desse gesto era que ela(e)s quieram ser reconhecidas por nós através do modo como trabalhamos durante todo o período: com o toque. Foi emocionante para nós viver o momento em que éramos, mais do que em qualquer outro momento, parte integrante do coletivo que construímos com a turma. Outra surpresa que haviam reservado foi a aposição de uma placa, ato que rotineiramente se faz na Escola quando da conclusão do curso, para registrar, em suas palavras, o corte que a disciplina produziu em sua formação, e que traz a seguinte epígrafe: *"Homenagem da turma pioneira da disciplina Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem, período 97/1, a todos os professores que contribuíram para seu sucesso, em especial a P1, P2 e P3, pela dedicação e metodologia empregada. Alunos da turma 'Sementes do Novo Milênio' "*.

Após a conclusão da disciplina, algumas alunas, em seus diários, registraram:

"Hoje termino e fecho o diário, não escrevi muito, pois não tenho costume de escrever em diários, mas fiz com um grande esforço e acho que, apesar de tudo, até mesmo dos erros ortográficos, valeu a pena. Realmente mergulhei fundo nesta disciplina"

"foi excelente conviver com esta experiência e saber que a partir do meu próprio sentimento/conhecimento posso conhecer o mundo".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para nós, o desenvolvimento da disciplina atingiu os objetivos a que nos propusemos e para isso tivemos que, em muitos momentos, redefinir rotas, repensar estratégias, construir novas formas cotidianas de fazer de "outra forma". Falhas ocorreram, o que nos ajuda a entender que o processo é inacabado e necessita ser sempre modificado para atender as peculiaridades do grupo e dos impasses que se colocam. Algumas alunas não conseguiram se integrar às vivências, particularmente as que tratavam de questões mais

subjetivas em que valores, emoções e sentimentos eram expressos, o que nem sempre é conveniente para os indivíduos em espaços coletivos.

Sabemos que o presente e o futuro da profissão não dependem apenas da formação ou de mudanças na estrutura curricular, mas que esse configura um pilar importante para tais mudanças. Enquanto cidadã não podemos perder de vista que a nossa luta passa, necessariamente, pela efetiva implantação do Sistema Único de Saúde, educação para todos os segmentos sociais, salários justos, igualdade de oportunidades, que permita uma assistência de imediata, digna e de qualidade a todos.

Não há receita a ser seguida à risca, entretanto os resultados obtidos validam a experiência como oportunidade de desenvolver o potencial crítico, criativo, sensível e técnico rumo à consciência que conduz à liberdade na Enfermagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDREOLA, B.A. *Dinâmica de grupo* - jogo da vida e didática do futuro. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
2. ALMEIDA, M.C.P. & ROCHA, J.S.Y. . *O saber de enfermagem e sua dimensão prática*. São Paulo: Cortez, 1988.
3. BRUSCHINI, C. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
4. CARRARO, T.E. *Enfermagem e assistência* - resgatando Florence Nightingale. Goiânia: AB, 1997.
5. CENTRO DE DINÂMICAS DE GRUPO E DE RELAÇÕES HUMANAS. *Manual de recursos técnicos de dinâmicas de grupo*. Recife, 1994.
6. CORRÊA, S. *Gênero: reflexões conceituais, pedagógicas e estratégias*. Recife: SOS Corpo, 1994.
7. DANIEL, L.F. *Atitudes interpessoais em enfermagem*. São Paulo: EPU, 1983.
8. FIGUEIREDO, N.M. et al. O toque no corpo e a prevenção de escaras. *R. Enferm. UERJ*, ed. Extra, p. 71-80, 1996.
9. FRITZEN, J.F. *Dinâmicas de grupo e de relações humanas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.
10. GARCIA, T.R. Sexualidade humana- conhecimento necessário à formação do enfermeiro. *Acta Paul. Enf.*, São Paulo, v. 6, n. 1/4, p. 41, 1993.
11. GORCZEVISK, D. & FRANZÓI, N. . *Seminário metodologia da visualização - memória*. São Paulo, 1993. Mimeo.
12. GOTARDO, G.I.E. A enfermagem arte: uma abordagem sob a ótica de Nietzsche. *R. Enferm. UERJ*, ed. Extra, p. 131-136, outubro 1996.
13. KESTEMBERG, C.C. & ROCHA, R.M. Vivendo vivências. *R. Enferm. UERJ*. Rio de Janeiro, v.3, n.1, p. 53-62, maio 1995.

14. LEVY, R.B. *Só posso tocar você agora*. São Paulo: Brasiliense, 1974.
15. LIMA, M.J. Oficina de criatividade e sensibilidade - da enfermagem tecnicizada rumo a enfermagem edificante. *Pré-Congresso XXXIX CBEN*. Salvador, novembro, 1987.
16. _____. *O que é enfermagem*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
17. LOYOLA, C. M. D. *Os dóceis corpos do hospital* - as enfermeiras e o poder institucional na estrutura hospitalar. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.
18. MACRUZ, F.M.S. et al. *Jogos de cintura*. Belo Horizonte: Escola Sindical 7 de Outubro, 1995.
19. MANZOLLI, M.C. *Formação do enfermeiro* - contribuições da psicologia. São Paulo: Sarvier, 1985.
20. MEYER, D.E. A formação da enfermeira na perspectiva do gênero-uma abordagem sócio-histórica. In: WALDOW, V. R. et al. *Maneiras de cuidar, maneiras de ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
21. NASCIMENTO, E. R. *Gênero e enfermagem*. Salvador: Editora da autora, 1996.
22. RÉGIA, M. Et al. *Como trabalhar com mulheres*. Petrópolis: Vozes, 1988.
23. SILVA, G. B. *Enfermagem profissional* - análise crítica. São Paulo: Cortez, 1986.
24. SOBRAL, V. R. S. De Florence a DuLoren. R. *Enferm. UERJ*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 103-112, maio 1996.
25. SILVA, Y.F. & FRANCO, M. C. (org.). *Saúde e doença- uma abordagem cultural da enfermagem*. Florianópolis: Papa-livro, 1996.
26. VIEZZER, M. *Educação popular e movimento de mulheres* - oficina de metodologia. São Paulo: Rede Mulher, 1987.
27. WALDOW, V.R. et al. *Maneiras de cuidar, maneiras de ensinar* - a enfermagem entre a escola e a prática profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.